

EQUADOR E SUA GEOMORFOLOGIA: ESTUDO DA DINÂMICA ECONÔMICA E INTERAÇÃO NO SISTEMA MUNDIAL NO SÉCULO XX

Mateus Webber Matos¹
Eduardo Ernesto Filippi²

Resumo: Este trabalho baseia-se na premissa de que os três diferentes relevos do Equador – Costa, Serra e Amazônia – influenciaram a estruturação econômica do país no decorrer do século XX e interferiram tanto na construção da sociedade como também forjaram as estruturas produtivas domésticas. Para tanto, pretendemos, em um primeiro momento, fazer uma breve análise histórica acerca da formação dessas três regiões em estudo ao longo do período colonial equatoriano, com o intuito de melhor compreender as origens de cada uma delas. O objetivo deste estudo é compreender o desenvolvimento econômico equatoriano durante o século XX, tendo em vista suas três formações geomorfológicas. O processo metodológico consistiu em buscas em bases bibliográficas nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Os resultados preliminares indicam que os ciclos produtivos equatorianos estão intimamente ligados à sua inserção no mercado internacional.

Palavras-chave: Equador, Economia, Geomorfologia, Século XX, Sistema Mundial.

ECUADOR AND ITS GEOMORPHOLOGY: STUDY OF ECONOMIC DYNAMICS AND INTERACTION IN THE WORLD SYSTEM IN THE 20TH CENTURY

Abstract: This work is based on the premise that the three different geographical reliefs of Ecuador - Costa, Sierra and the Amazon - influenced the economic structure of the country during the twentieth century and interfered both in the construction of the society and also forged the domestic productive structures. To this end, we intend, at first, to make a brief historical analysis about the formation of these three regions under study throughout the Ecuadorian colonial period, in order to better understand the origins of each one of them. The aim of this study is to understand Ecuadorian economic development during the twentieth century, considering its three geomorphological formations. The methodological process consisted of searches in bibliographic bases in Portuguese, English and Spanish. Preliminary results indicate that Ecuador's production cycles are closely linked to its insertion in the international market.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS). Email: mateus.webber@hotmail.com

² Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS. Email: edu_292000@yahoo.com.br

Keywords: Ecuador, Economy, Geomorphology, 20th Century, World System.

INTRODUÇÃO

A lógica de exportação de matérias-primas e importação de manufaturas permeia grande parte da história econômica dos países latino-americanos. Muito em razão da diversidade geográfica e das riquezas naturais, o subcontinente vive há séculos o dilema entre uma maior inserção no mercado internacional a partir de uma posição de exportador de matérias-primas e o fomento de um ciclo regional de desenvolvimento industrial autônomo em relação aos países centrais. Isso ocorre porque, em grande medida, atividades para as quais os países se voltam são diretamente influenciadas pelos terrenos e pelas condições climáticas.

No caso em pauta, o do Equador, essa busca por maior representatividade econômica mundial tem como um de seus alicerces a geomorfologia de cada região. Prova disso são os diversos ciclos econômicos pelos quais o país se tornou conhecido, tais como o do cacau na virada do século XIX para o XX; a banana ao longo dos anos 1950; e o ciclo do petróleo nas décadas de 1960 e 1970. De acordo com o economista equatoriano Alberto Acosta: “Foi a renda generosa oferecida pela natureza que levou o país a ser o maior exportador mundial de banana” (ACOSTA, 2005, p. 96).

É desse modo, portanto, que o presente trabalho deseja compreender a estruturação econômica do Equador ao longo do século XX. Apoiado em uma óptica geomorfológica, pretende-se avaliar qual o papel das três principais formações geográficas equatorianas no surgimento de seus ciclos produtivos mais relevantes. Os três relevos são: a Costa, região na qual o cultivo de cacau e, posteriormente, de banana se destacam; a Serra, cujas produções de batata e hortícolas eram responsáveis pelo suprimento interno da população; e, por fim, a porção leste da Amazônia, responsável pelo boom do petróleo no final do século XX.

Essas quatro matérias-primas e os três territórios supracitados serão os elementos basilares desta pesquisa, dado que nos ajudarão a elucidar o grau de intimidade entre a geomorfologia e os ciclos econômicos do Equador durante os anos de 1900. Dentro dessa análise, ainda, procura-se dimensionar a capacidade que essas culturas de exportação tiveram na constituição da infraestrutura interna do país, fazendo com que as três porções se interligassem fisicamente. A partir desse encadeamento, observa-se também a formação de uma unidade nacional fracamente desenvolvida até então. Segundo Acosta (2005, p. 32)

A questão regional foi uma dimensão fundamental da economia nesses primeiros anos da República; ela nasceu com o fim da Colônia e se mantém no tempo. Assim, a Serra centro-setentrional, tendo Quito como núcleo, se sustentou no regime dos latifundiários e aglutinou a maioria da população. A Costa, especialmente a zona de influência de Guayaquil, encontrou seu eixo no latifúndio vinculado ao comércio exterior, com uma clara redução da pequena propriedade agrícola. A terceira região, a Serra meridional, tendo Cuenca como centro, apresentou um predomínio da pequena propriedade agrícola e da artesanaria. Essas regiões [...] não formavam um mercado nacional que as articulassem.

Notadamente até o início do século XX, os três relevos geográficos do Equador possuíam uma frágil articulação produtiva entre si. Graças à ação quase

que unilateral do Estado Equatoriano, através de investimentos na melhoria da infraestrutura do país, foi possível, por exemplo, a finalização da construção do Ferrocarril Transandino em 1909 (MAIGUASHCA, 1992). No cenário internacional, a inauguração do Canal do Panamá em 1914 deu novo impulso ao comércio da América do Sul, em especial aos países exportadores, dado que não só diminuiu o tempo de trajeto até os principais mercados europeus como também otimizou as despesas do transporte. Contudo, ao longo da década de 1920 e com a derrocada do ciclo cacauero, o Equador passou por um período de estagnação, potencializado pela Crise da Bolsa de Nova Iorque em 1929. Com a escalada dos conflitos na Europa, as exportações de cacau reagiram de maneira negativa, haja vista a concentração nos esforços de guerra.

Os primeiros anos da década de 1940, todavia, foram palco de uma aproximação das três regiões equatorianas, o que possibilitou um maior desenvolvimento econômico, bem como uma diversificação da pauta de exportações. Tendo em vista a emergência das culturas do café, cana-de-açúcar e do arroz um incipiente processo de industrialização foi se consolidando paulatinamente (MORA, 2008). A mais importante delas foi a da banana. Juntamente com a produção e exportação da fruta, houve uma dinamização da economia equatoriana em âmbito internacional e a incorporação de parcelas médias da população ao mercado consumidor doméstico, dando novo fôlego ao desenvolvimento regional autônomo (MORA, 2008). Tanto o ciclo cacauero quanto o da banana tiveram como local a Costa, cujo solo e clima são favoráveis a estas culturas. Nota-se que

(...) altos índices de insolação estão presentes somente ao longo da costa, e eles então rapidamente diminuem em direção ao interior em razão dos nevoeiros durante a estação seca (chuvisco) ou devido às nuvens quase constantes no Piemonte Andino. Essas condições geram um efeito positivo ao prolongar a estação chuvosa para além de seu período, permitindo a extensão de certas culturas (MORENO; BERNAL; ESPINOSA, 2018, p. 16)³.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo compreender o desenvolvimento econômico equatoriano durante o século XX, tendo em vista a formação geomorfológica do país em três relevos principais, que são: a Serra, a Costa e a Região Amazônica. A pergunta que guiou esse estudo foi: “Em que medida a configuração geomorfológica moldou, sobretudo no decorrer do século XX, o desenvolvimento da estrutura econômica equatoriana?” Para tanto, é essencial fazer uma introdução histórica sucinta sobre a colonização equatoriana e sua dinâmica com os fluxos de comércio internacionais durante esse interregno. Logo após, as três formações geográficas serão abordadas separadamente, com o intuito de identificar suas características e seus papéis na economia nacional.

Por fim, o último capítulo consiste na tentativa de trazer ao debate como essas regiões se intercomunicaram durante o século XX e de que maneira foram responsáveis pelo posicionamento do Equador no mercado internacional. De acordo com um primeiro olhar, percebemos um entrelaçamento dos relevos do país e o

³ Traduzido do original: “(...) high insolation values are present only along the coastline, and then they rapidly decrease inland due to fog during the dry season (drizzle) on the interior reliefs or due to the almost constant clouds of the Andean Piedmont. These conditions generate a positive effect by prolonging the wet season beyond the end of rainy season, allowing the extension of certain crops”.

modo como as populações desenvolveram sua convivência dentro do território ao longo de toda a história do Equador (RADCLIFFE, 2010).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DO EQUADOR E SUA REPRESENTATIVIDADE EXTERNA AO LONGO DO PERÍODO COLONIAL

(...) é desnecessário ressaltar a importância de uma abordagem histórica para compreender a evolução econômica da República do Equador, pois não há história sem economia (ACOSTA, 2005, p. 13).

De uma perspectiva histórica, a economia equatoriana está intimamente relacionada aos ciclos da economia mundial. À medida que o sistema capitalista entra em uma fase de pujança e a demanda por matérias-primas cresce, são, notadamente, os países da periferia quem suprem essa necessidade. O desenvolvimento interno dessas regiões, portanto, é diretamente regulado pelos centros do sistema. O Equador, em específico, vivenciou períodos de prosperidade e de crise em intervalos relativamente curtos entre si, enfraquecendo qualquer planejamento de longo prazo (ACOSTA, 2005). As regiões da Costa – com destaque para a cidade de Guayaquil – e da Serra – em especial a cidade de Quito – foram, em grande medida, os dois polos econômicos ao longo do período colonial e mesmo depois da independência, em 1830 (BRIGNOLI, 2018).

A primeira era caracterizada pelos latifúndios, cujos produtos eram voltados à exportação dada a fertilidade do solo e a proximidade do porto de Guayaquil. A Serra, por seu turno, cumpria basicamente a função de provedor doméstico de suprimentos. De acordo com Maiguashca (1992, p. 252) “(...) o transporte marítimo até os arredores de Guayaquil desfruta de várias vantagens. As águas do Golfo de Guayaquil – o maior golfo entre o Panamá e Valparaíso no Chile – são calmas e livres de névoas”⁴. Em contrapartida, a população que ocupava o território serrano, em especial durante o século XIX, era de um viés cultural conservador. Isso impactava sobremaneira os modelos produtivos da região, haja vista a estrutura repressiva dos senhores das terras e a baixa remuneração à mão-de-obra (ACOSTA, 2005). Dessa maneira, as culturas realizadas nesse local eram as de batata e hortícolas, tendo sempre Quito como ponto focal.

Em consequência, até meados do século XX as três formações geográficas do Equador tinham papéis bem diversos dentro da lógica econômica do país. A Costa como centro produtivo agroexportador, com terras férteis, condições marítimas favoráveis e ligada ao comércio internacional através do escoamento de produtos que saíam do porto de Guayaquil. A Serra, por sua vez - conservadora em termos de costumes e economicamente atrasada -, mantinha fortes laços com o sistema colonial repressivo, representando uma pequena parcela da economia nacional com raros recursos naturais. Por fim, a área amazônica - tendo na cidade de Cuenca sua principal referência - era parcamente povoada e contava com pequenas propriedades agrícolas e com artesanato, adquirindo maior expressão nacional somente após a descoberta e exploração extensiva de petróleo a partir da segunda metade dos anos 1900 (ACOSTA, 2005).

⁴ Traduzido do original: “(...) la transportación marítima hacia y alrededor de Guayaquil disfruta de varias ventajas. Las aguas del Golfo de Guayaquil – el golfo más grande entre Panamá y Valparaíso en Chile – son calmas y libres de niebla”.

Sendo assim, somente a porção litorânea tinha alguma representatividade econômica relevante. Esse fenômeno pode ser explicado por duas razões, dentre outras: a débil integração regional, constatada a inexistência de infraestrutura de transporte; e, no plano internacional, a ação dos países centrais em solapar o desenvolvimento de qualquer ator que viesse a ameaçar seus interesses. Segundo o conceito de *Colonialidade del Poder* do sociólogo peruano Aníbal Quijano (1994, p. 92)

É mera coincidência que, na escala global do planeta, a esmagadora maioria das pessoas exploradas, dominadas, discriminadas e em algumas regiões mesmo privadas de recursos de sobrevivência, vêm de sociedades destruídas e/ou colonizadas pelos europeus? É mera coincidência que as regiões e/ou países da "periferia" ou "sul" correspondam exatamente às áreas que habitavam as sociedades destruídas e/ou colonizadas pelos europeus? É mera coincidência que pessoas que descendem, parcial ou totalmente, das populações colonizadas pelos europeus, sejam, na sua grande maioria, dominadas e discriminadas, onde quer que vivam?⁵

Todos estes questionamentos de Quijano são elementos importantes para a compreensão do posicionamento do Equador no cenário internacional. Até o final do século XIX, o país era composto por três regiões com pouca intercomunicação, com suas disputas políticas próprias e sem qualquer sentimento de união nacional. A independência do Equador, proclamada em 1830, foi um processo orquestrado pela elite crioula⁶, cujos interesses eram voltados à exploração da mão-de-obra interna – destacadamente a indígena - e a importação de bens manufaturados. Em agosto de 1809, representantes desse estrato social foram os responsáveis pela derrubada da Real Audiência de Quito⁷, dando início à luta pela emancipação equatoriana. Desde então, o Equador independente passa a consolidar seu comércio de commodities em direção a dois polos principais: a Europa e a América do Norte (via México).

O mercado europeu, desse modo, passou a ser o destino de cerca de um terço de todos os produtos equatorianos em meados dos anos 1800 (CONTERAS, 1990). É nesse momento também que, gradualmente, inicia-se a migração interna de trabalhadores da Serra para a Costa. Este fenômeno se consolidará no final do século com a explosão do ciclo do cacau, cuja demanda por mão-de-obra atraiu as populações das outras regiões. Conforme Conteras (1990, p. 42) "(...) Guayaquil havia deixado de ser somente um cais de Quito [...]. Sua posição estratégica [...] permitiu uma diversificação de seus mercados, ao mesmo tempo que facilitou também a independência da sua classe mercantil"⁸.

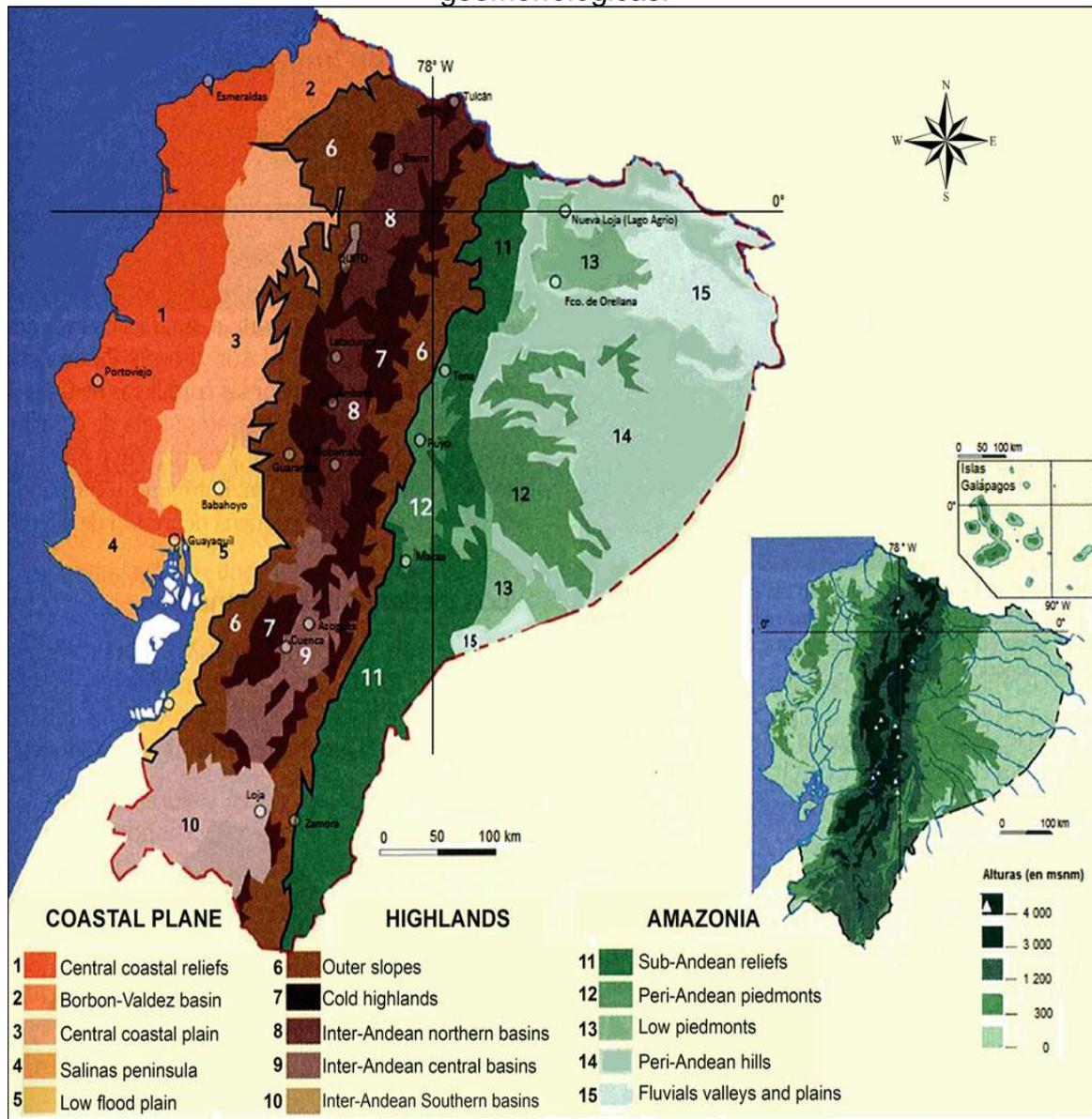
⁵ Traduzido do original: "¿Es mera coincidencia que, a la escala global del planeta, la abrumadora mayoría de las gentes explotadas, dominadas, discriminadas y en algunas regions inclusive despojadas de recursos de sobrevivencia, procedan de las sociedades destruidas y/o colonizadas por los europeos? ¿Es mera coincidencia que las regiones y/o países de la "periferia" o "sur" correspondan, precisamente, a las áreas que habitaban las sociedades destruidas y/o colonizadas por los europeos? ¿Es mera coincidencia que las gentes que descenden, parcial o totalmente, de las poblaciones colonizadas por los europeos, sean, en su amplia mayoría, dominadas y discriminadas, donde quiera que habiten?"

⁶ Os crioulos eram a elite das sociedades latino-americanas. Eram os descendentes dos colonizadores espanhóis que nasceram na América, mas que, em certa medida, ainda mantinham ligações com a metrópole espanhola.

⁷ A Real Audiência de Quito era o modelo de organização sócio administrativo concebido pelos colonizadores para institucionalizar o poder espanhol no Equador. Sua criação ocorreu em 1563, a partir de um decreto real, sendo derrubada em 1822 durante o processo de independência (MORA, 2008).

⁸ Traduzido do original: "(...) Guayaquil había dejado de ser sólo el embarcadero de Quito [...]. Su posición estratégica [...], le permitió una diversificación de sus mercados, a la vez que debió facilitar también la independencia de su clase mercantile".

Figura 1. Mapa do Equador dividido a partir de suas 3 principais formações geomorfológicas.



Fonte: Winckell et al., 1997

No plano internacional, a construção do Canal do Panamá no começo da década de 1900 facilitou sobremaneira a comunicação do Equador com seus mercados consumidores. Atrelado a isso, as maiores potências do sistema não travavam nenhum conflito de grandes proporções há cerca de 80 anos, o que permitiu com que acumulassem excedentes voltados à importação de gêneros secundários, como o cacau. Além disso, os Estados Unidos iam, paulatinamente, consolidando seu território e ampliando suas demandas domésticas. É nesse ínterim que o Equador adentra ao século XX: o enfraquecimento de um ciclo prolongado de disputas políticas internas; a infraestrutura de transporte, aos poucos, vai incorporando rincões antes inacessíveis; a massiva migração de mão-de-obra da Serra para a Costa; e, por fim, o esplendor do desenvolvimento nacional alicerçado na produção de cacau.

O ESPAÇO FÉRTIL EQUATORIANO: A COSTA E SEUS CICLOS DE DESENVOLVIMENTO NO DECORRER DO SÉCULO XX

Não uma, mas várias [...] pelo menos três. As Selvas Esmeraldas ao norte, ainda impermeáveis às tentativas de integração. [...] Manabi, forja sua independência econômica em relação à bacia de Guayas [...]. Por outro lado, Guayaquil e sua hinterland, inclui fundamentalmente a Bacia de Guayas até Babahoyo. [...] É sem dúvida, não apenas o centro geográfico da Costa, mas seu centro nevrálgico, econômica e socialmente. Mas existe uma "terceira" Costa, se incluirmos as difíceis e fracassadas tentativas de ocupar o arquipélago das Ilhas Galápagos⁹ (VALAREZO, 2004, p. 50).

As duas décadas que precederam a 1ª Guerra Mundial são de extrema importância para a compreensão da economia equatoriana. Na esteira do fortalecimento capitalista na Europa e na América do Norte, o cacau equatoriano tornou-se a *pepa de oro* destes países (ACOSTA, 2005). Sua produção requeria pouco capital e tecnologia, atraindo grandes hordas de trabalhadores das demais regiões do país. Isso só foi possível graças à qualidade excepcional do solo costeiro, com altos índices de umidade, o que potencializa a prática agrícola (MORENO; BERNAL, ESPINOSA, 2018). Ao passo que as terras altas dos Andes equatorianos são pedregosas e com baixa incidência de minerais, o litoral, além da fertilidade do solo, ainda conta com vias fluviais de comunicação com o exterior e relevos menos acidentados.

Tais fatos viabilizaram a produção e exportação de cacau, entre os anos de 1900-1913, tendo sido possível quase duplicar a arrecadação estatal, de 7,5 milhões de dólares para 13 milhões, no imediato pré 1ª Guerra (VELASCO, 1973). Guayaquil, em específico, localiza-se em um terreno chamado "Planície Alimentar Recente", o que significa que seu solo é renovado periodicamente por inundações originadas da estação chuvosa (WINCKELL *et al.*, 1997). Todavia, não é somente pelo solo fértil que a região de Guayaquil é conhecida como importante polo produtivo. Além disso, conta com diversas vias fluviais que levam ao centro do território, bem como estações chuvosas favoráveis. Por fim, suas temperaturas médias são adequadas ao cultivo do cacau (MAIGUASHCA, 1992). Segundo Manguashca (1992, p. 253)

As condições climáticas ajudam a criar um ambiente ideal para a agricultura na costa equatoriana, especialmente para a produção de cacau. A média de precipitação anual é de vinte e duas polegadas em Guayaquil, embora a umidade aumente à medida que se aproxime das montanhas andinas. [...] Em vez disso, a região cacauzeira da bacia del Guayas recebe cerca de quarenta polegadas de chuva por ano e durante os meses secos do verão (de junho a novembro) ainda é coberta por uma névoa úmida durante as manhãs. [...] Este clima quente e úmido é complementado pela excelente terra da costa. As 400 milhas de extensão e de 50 a 150 milhas do outro lado da costa, constituem um quarto do território equatoriano. É uma área coberta pelo cinturão da enchente de Santo Domingo-Bucay, vindo dos

⁹ Traduzido do original: "No una, sino varias [...] al menos, tres. Las selvas esmeraldeñas, en el norte, siguen impermeables a los intentos de integración. [...]. Manabí, forja su independencia económica respecto a la cuenca del Guayas. [...] Por otro lado Guayaquil y su hinterland directo, que incluye fundamentalmente la cuenca del Guayas hasta Babahoyo. [...] Es sin duda, no solo el centro geográfico de la Costa, sino su centro neurálgico, económica y socialmente hablando. Pero existe una "tercera" Costa, si incluimos los difíciles y fracasados intentos de ocupar el archipiélago de las islas Galápagos".

Andes. Esta terra é conhecida especialmente por suas admiráveis qualidades de umidade. Lá as colheitas são as melhores do mundo¹⁰.

Outro fenômeno decorrido do boom cacauero, como supracitado, foi a maciça migração da Serra em direção à Costa. Em 1909, esta já representava cerca de 30,42% do total da população equatoriana (VALAREZO, 2004). Esse número representava não somente a parcela da população que era explorada nos latifúndios serranos e que enxergou na Costa uma opção de melhoria nas condições de trabalho. Criou-se ali uma burguesia agroexportadora, cujo lucro obtido através da venda de cacau era despendido na importação de itens manufaturados ou na ampliação da produção cacauera. Com isso, as relações entre Guayaquil e o interior foram alteradas, uma vez que novas vias de comunicação foram surgindo. Essa inflexão foi responsável também por certa dinamização social, aproximando áreas rurais de centros urbanos (CHAVES, 2006).

Desse modo, apesar de permitir uma maior integração entre os distantes rincões do país, a cultura do cacau não diversificou a pauta produtiva do Equador (ACOSTA, 2005). O crescimento econômico real era restrito à porção litorânea, dificultando a exploração de outros tipos de ciclos produtivos. A rotatividade de navios no porto de Guayaquil fez não só com que o comércio local fosse positivamente afetado, como também possibilitou maior intercâmbio cultural com povos outrora distantes. Enquanto franceses, norte-americanos e alemães correspondiam aos principais mercados de destino do cacau, a Inglaterra era o principal fornecedor externo de produtos industrializados do Equador (MAIGUASHCA, 1992).

A derrocada do ciclo cacauero esteve atrelada ao início da 1ª Guerra Mundial na Europa em 1914. Com o direcionamento dos esforços produtivos para a indústria bélica, os parceiros comerciais equatorianos situados sobretudo na Europa passaram a prescindir de insumos secundários, tais como o cacau. Típica de uma nação com pouca diversidade econômica, a reação do Equador a essa queda das exportações foi uma recessão que durou algumas décadas. A partir dos anos 1930 - após o crash da Bolsa de Nova Iorque - o Equador passou a incorporar, gradualmente, novos produtos à sua pauta de exportações. Além do cacau, que ainda continuava como um ativo importante, os cultivos do café, arroz e cana de açúcar deram novo alento à economia equatoriana, fomentando, inclusive, um processo incipiente de industrialização (MORA, 2008). Esse período presenciou também mudanças políticas no país, fenômeno catalisado pela polarização de ideias da Europa pré Segunda Guerra. As ondas repressivas se espalharam, e o Equador passou por uma ditadura civil entre 1935-1937 sob o comando de Federico Páez (MORA, 2008).

Em compensação, se o período imediatamente anterior ao maior conflito do século XX foi de estagnação econômica e de distensões políticas para o Equador, o término da guerra representou um novo estágio de crescimento. Inaugurava-se o

¹⁰ Traduzido do original: “Las condiciones climáticas ayudan a crear un ambiente ideal para la agricultura en el litoral ecuatoriano, especialmente para la producción de cacao. El promedio anual de lluvias es de veinte y dos pulgadas en Guayaquil, si bien la humedad aumenta a medida que uno se aproxima a las montañas andinas.[...] En cambio, la región cacaocra de la Cuenca del Guayas recibe como cuarenta pulgadas de lluvia al año y durante los meses secos del verano (de junio a noviembre) todavía se cubre con una neblina húmeda durante las mañanas. [...] Este clima cálido y húmedo se complementa con la excelente tierra de I.t costa ecuatoriana. Las 400 millas en extensión y las 50 a 150 millas de ancho del Litoral, constituyen un cuarto del territorio ecuatoriano. Es una zona cubierta por el cinturón de aluvión Santo Domingo-Bucay que baja de los Andes Esta tierra es conocida especialmente por sus admirables cualidades de humedad. Allí las cosechas son de las mejores en el mundo”.

ciclo da banana. Se as variantes naturais são essenciais para se entender o desenvolvimento produtivo dentro do Equador, o mesmo vale para regiões vizinhas. Para Parsons (1957, p. 201) o Equador conseguiu equalizar a produção de banana do Caribe e dos países da América Central graças a “uma insaciável demanda pós-guerra pela fruta, associada com um abrandamento da produção em algumas das áreas produtoras mais antigas em razão de doenças vegetais, furacões, inundações e agitações trabalhistas”¹¹. Uma vez mais, portanto, a demanda internacional era o elemento impulsionador da economia equatoriana.

Todos os fenômenos vistos durante o boom do cacau no começo do século se repetiram nesse novo ciclo, com a diferença de terem ocorrido de maneira muito mais ampla. Migração Serra-Costa, rápida urbanização do litoral, aumento da fronteira agrícola e dinamização do mercado interno foram alguns desses elementos que, novamente, serviram de base para a inserção do Equador no mercado global (ACOSTA, 2005). Como ocorrera cerca de 60 anos antes, outra vez “foi a renda generosa oferecida pela natureza que levou o país a ser o maior exportador mundial de banana” (ACOSTA, 2005, p. 96).

O cenário se repetia, em parte. O fim da 2ª Guerra e a polarização entre capitalistas e comunistas fez com que os Estados Unidos espraiassem seus poderes para os vizinhos sul-americanos. Um dos exemplos disso foi a chegada da United Fruit Company¹² ao Equador que, mesmo não exercendo a influência que tinha nas regiões caribenhas, era um ativo norte-americano de controle e exploração na América do Sul. Dessa maneira, o incentivo às obras públicas de infraestrutura foi outro fator a ser destacado, aumentando o número de assalariados e dinamizando a economia doméstica (MORA, 2008).

Essa foi a tônica seguida pelo Equador ao longo dos anos de 1950 e 1960. Ao passo que a porção costeira mantinha seu crescimento e sua urbanização, a Serra continuava executando seu papel de fornecedor interno de suprimentos, agora, contudo, com alguns focos de industrialização. A região andina será mais bem estudada no capítulo seguinte, elucidando o caminho percorrido pelo povo serrano até meados do século XX.

A SERRA EQUATORIANA: DO APOGEU DE CENTRO POLÍTICO-ECONÔMICO A FORNECEDOR DOMÉSTICO DE SUPRIMENTOS

Os “obrajes”¹³ da Serra e as plantações da Costa: estes são os polos ao redor dos quais parece girar, em diferentes épocas, a economia da Audiência de Quito (MORENO, 1998, p. 246).¹⁴

Historicamente, as regiões de Sablog e Gatazo, na área central dos Andes Equatorianos, são conhecidas pela carência de recursos, pelas emigrações e pela

¹¹ Traduzido do original: “An insatiable post-war demand for the fruit, coupled with a slackening off of production in some of the older producing areas due to plant disease, hurricanes, floods, and labor unrest”.

¹² Criada em 1899, a United Fruit Company (UFC), apesar da participação restrita na plantação de banana no Equador, deixou marcas no país: “(...) United Fruit Company has played a much less conspicuous role than it has in Central America and the Caribbean. Through its subsidiary, Cia. Bananera del Ecuador, it accounts for no more than one-fifth of the country's banana exports” (PARSONS, 1957, p. 213).

¹³ Durante a Audiência de Quito, os obrajes foram fundamentais na medida que “Los mitayos tabajaban principalmente en la producción textil y la agricultura. Los llamados obrajes – centros de elaboración de paños – se desarrollaron enormemente, de manera especial en la Sierra norte y centro” (MORA, 2008, p. 16).

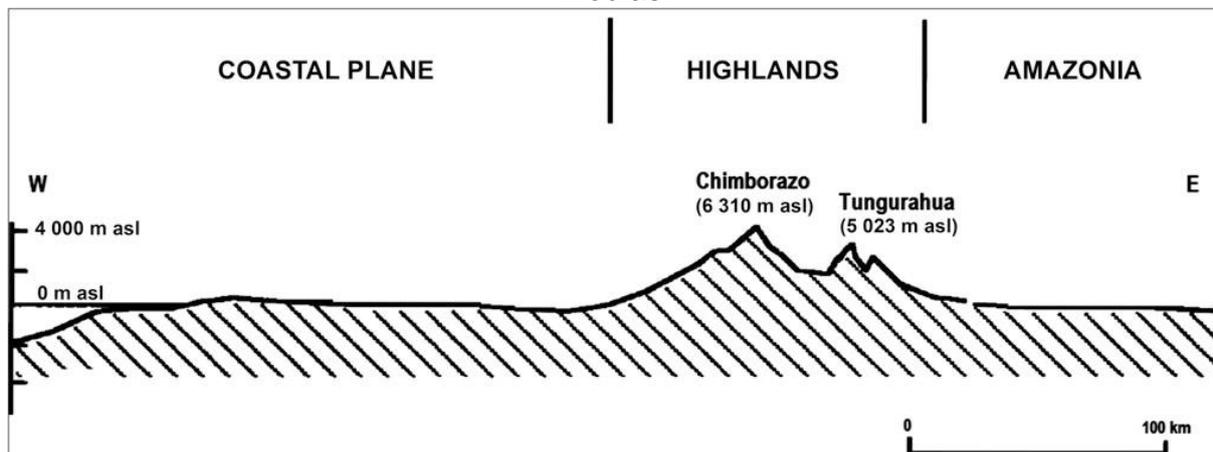
¹⁴ Traduzido do original: “Los obrajes de la Sierra y las plantaciones de la Costa: estos son los polos alrededor de los cuales parece girar, en diferentes épocas, la economía de la Audiencia de Quito”.

degradação de seus solos (BEBBINGTON, 2003). Em grande medida, essa é a imagem que foi reproduzida da Serra do Equador no último século. Politicamente dominante no período colonial, Quito viu seu poder centralizador ser minado pelo desenvolvimento gradual de Guayaquil no amanhecer do século XX. Uma das razões para tal foram os poucos recursos que o solo andino ofertava à agricultura. O terreno pouco desenvolvido caracterizado como *black soil* não favorecia a plantação de gêneros alimentícios, muito embora tenha sido importante na criação extensiva de ovelhas (MORENO; BERNAL; ESPINOSA, 2018).

A parte norte dos Andes, notadamente onde se encontra a cidade de Quito, é caracterizada por uma intensa atividade vulcânica ao longo da história, processo que condenou o solo à certa infertilidade. Não bastasse isso, haja vista suas consideráveis altitudes, a Serra sofre com temperaturas médias baixas, pressão atmosférica reduzida e estações chuvosas excessivas (MORENO; BERNAL; ESPINOSA, 2018). Apesar de concentrar o poder político até a independência, os Andes pouco colaboraram para o comércio exterior do Equador. Após o processo emancipatório, finalizado em 1830, o cenário não se alterou substancialmente. De acordo com Lyons (2006, p. 49)

Durante as primeiras décadas após a independência, as terras altas de economia comercial sofreram com a devastação da guerra e instabilidade política pós-independência. Enquanto as exportações das terras baixas costeiras recuperaram-se gradualmente, o mercado de produtos agrícolas serranos foi bastante restrito em meados do século XIX. A economia da Serra estava relativamente isolada da Costa durante este período. Essas condições não deram muito impulso para a expansão das “haciendas” na Serra em geral¹⁵.

Figura 2. Ilustração representando os três relevos equatorianos e suas altitudes médias.



Fonte: Marocco; Winter, 1997.

Na virada do século XIX para o XX, houve uma maior interligação dos centros nevrálgicos equatorianos a partir da construção do Ferrocarril Transandino em 1909 (MORA, 2008). Essa obra fazia parte de um projeto nacional de cunho liberal - conduzido pelo Estado do Equador - voltado à inflexão da economia do país. Tais transformações não se limitavam ao âmbito econômico, refletindo também em

¹⁵ Traduzido do original: “During the first several decades after Independence, the highland commercial economy suffered from the devastation of war and post- Independence political instability. While exports from the coastal lowlands gradually recovered, the market for highlands agricultural products was quite restricted through the middle nineteenth century. The highland economy was relatively isolated from the coast during this period. These conditions did not provide much impetus for the further expansion of haciendas in the highlands generally”.

questões político-ideológicas e sociais. Nesse ínterim, a parcela indígena da população - de acordo com um estudo realizado por Patrinos, Skoufias e Lunde – é, historicamente, alijada dos momentos de progresso. Isso ocorre, pois a “(...) cobertura de infraestrutura e acesso a serviços para os indígenas é afetada por fatores locais, em particular quando os povos indígenas têm maior probabilidade de viver em áreas rurais e em regiões onde a acessibilidade é mais difícil”¹⁶ (PATRINOS; SKOUFIAS; LUNDE, 2007, p. 15).

Tendo em vista o papel que a geografia tem na participação de parcelas da população na economia e apesar de o Equador – juntamente com a Bolívia – ser um Estado em que os povos indígenas têm maior representatividade, ainda assim a desigualdade é uma problemática grave. Ao ocuparem, sobretudo, as áreas rurais do país, às nações indígenas equatorianas não foi permitido acompanharem o ritmo de desenvolvimento das outras regiões. Outro fator relevante são as alianças formadas pelos diferentes grupos indígenas tendo como base a geografia. No Equador do século XX “a variação vertical de nichos ecológicos incentivou um sistema de trocas e cooperação que levou a complexas formas sociais e econômicas de organização e intrincadas alianças que persistem até hoje”¹⁷ (CIBILIS; GIUGALE; SOMENSATTO, 2008, p. 287).

Ao passo que a Costa ia diversificando sua cadeia produtiva e desenvolvendo sua infraestrutura para atender a demanda do mercado externo, a Serra manteve sua sustentação através do latifúndio de monocultura durante grande parte do século XX. As duas regiões tomaram caminhos tão distintos que a economia equatoriana passou a ser designada mundialmente como uma “economia de enclave”, uma vez que havia poucos vínculos entre essas áreas (ACOSTA, 2005). Ao longo do apogeu da produção costeira da banana na década de 1950, a Serra permaneceu como o centro irradiador de matérias-primas de consumo doméstico. Além disso, viu sua participação demográfica estagnar em 48,2% do total da população, enquanto a Costa contava com 48,8% (ACOSTA, 2005).

Os Andes equatorianos têm enfrentado ao longo dos anos 1900, portanto, alguns reveses que fizeram com que sua integração à economia internacional fosse enfraquecida. De todo modo, Quito ainda representava o centro político do Equador. Seu papel de destaque em âmbito nacional tomou novos rumos ao começarem as explorações de petróleo na selva amazônica em meados da década de 1960. Isso porque a entrada de multinacionais vinculadas à extração do óleo interessava aos governantes equatorianos, situados na Serra. Em 1973, “o Equador ingressou na Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e impulsionou o controle estatal da exploração e comercialização petrolífera”¹⁸ (MORA, 2008, p. 38). Até este momento, o Equador não havia experimentado um momento de prosperidade tão substancial como o que estava nascendo.

¹⁶ Traduzido do original: “(...) coverage of infrastructure and access to services for the indigenous will be affected by locational factors, in particular when indigenous peoples are more likely to live in rural areas and in regions within rural areas where accessibility is more difficult”.

¹⁷ Traduzido do original: “The vertical variation of ecological niches encouraged a system of exchange and cooperation that led to complex forms of social and economic organization and intricate alliances that persist until now”.

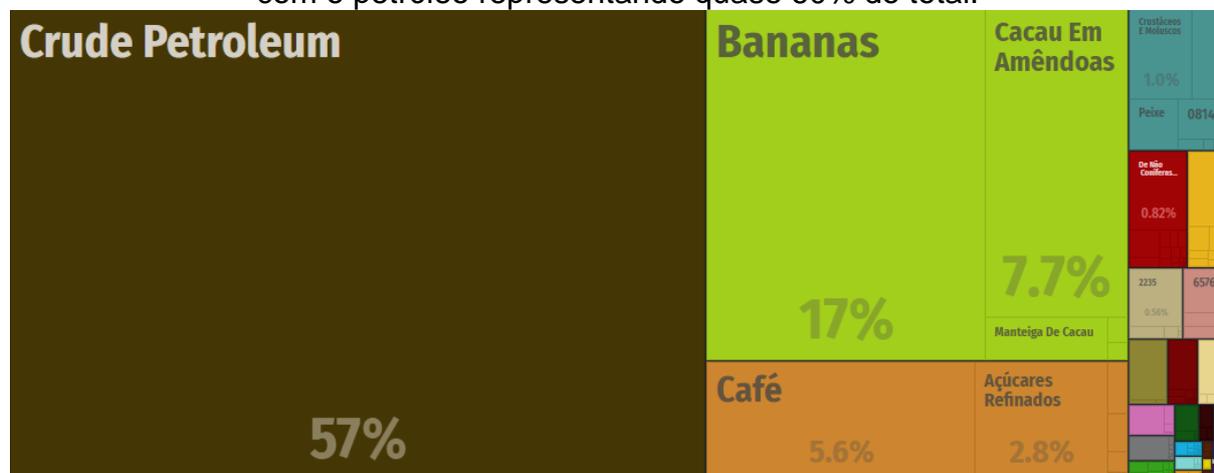
¹⁸ Traduzido do original: “El Ecuador ingresó a la Organización de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e impulsó el control estatal de la explotación y comercialización petrolífera”.

O OURO NEGRO: O DESCOBRIMENTO ECONÔMICO DA AMAZÔNIA A PARTIR DA EXTRAÇÃO DO PETRÓLEO

De todos os países sul-americanos que partilham da selva, o Equador talvez tenha sido o que mais problemas teve em incorporar, inclusive ideologicamente, seu espaço amazônico¹⁹ (MAIGUASHCA, 1992, p. 18).

Durante o período colonial, a porção oriental equatoriana não foi alvo de expedições exploratórias relevantes. Seja pelos poucos recursos comercializáveis descobertos até então, seja pelo terreno inóspito a Amazônia sempre foi tratada com pouco interesse produtivo. Dessa maneira, a economia do Equador passa a depender dessa região somente na segunda metade do século XX. A partir da década de 1960 – mais notadamente na década seguinte –, o país iniciou um ciclo de desenvolvimento sem precedentes, alavancado pela extração de petróleo em solo amazônico. Nesse período o Equador passou por uma “(...) radical mudança com a descoberta e exploração do petróleo em vários territórios da Amazônia. Essa situação gerou uma abundância de recursos monetários que [...] permitiu ao governo dar um grande impulso à economia do país”²⁰ (MORENO; BERNAL; ESPINOSA, 2018, p. 2). Com o slogan “semeando o óleo”, o Equador promoveu sua terceira grande entrada no mercado mundial no decorrer do século XX. Seu poder de barganha em relação às grandes potências agora era bem maior.

Figura 3. Imagem retratando a pauta de exportações equatorianas no ano de 1974, com o petróleo representando quase 60% do total.



Fonte: Observatory of Economic Complexity, 2019.

Em 1971, os Estados Unidos anunciam – unilateralmente – o rompimento com os acordos de Bretton Woods, cuja premissa era a vinculação do dólar ao “padrão ouro”. Em 1973, um conflito entre Egito e Síria, de um lado, e Israel de outro – conhecido como a ‘Guerra de Yom Kippur’ – eclode no Oriente Médio. A década de 1970 presenciou também o crescimento considerável das economias dos países

¹⁹ Traduzido do original: “De todos los países sudamericanos que dan a la selva, el Ecuador es a lo mejor el que más problemas ha tenido en incorporar, incluso ideológicamente. su espacio amazónico”.

²⁰ Traduzido do original: “(...) radical change with the oil discovery and exploitation in ample territories of the Amazonia. This situation generated abundance of monetary resources which [...] allowed the government to give a great impulse to the economic activities of the country”.

“não-alinhados”, muitos deles sul-americanos (BRIGNOLI, 2018). Diante desse cenário, o abastecimento de petróleo global teve seu eixo irradiado para outras regiões. A partir de seu ingresso na OPEP neste mesmo ano, o Equador passou a figurar como um dos mais importantes supridores da commodity em escala mundial. Pela terceira vez nesse mesmo século, o desenvolvimento econômico doméstico equatoriano era balizado pela demanda internacional de um recurso natural de exportação. Esse salto quantitativo das trocas comerciais externas, todavia, não representou uma melhora qualitativa nas condições internas de distribuição de renda (ACOSTA, 2005). Tal processo desequilibrado é conhecido na literatura como “doença holandesa”²¹.

Se internacionalmente o apogeu do petróleo dava maior solidez à posição do Equador, na seara doméstica houve algumas transformações. Com o aumento exponencial da extração da commodity, os desequilíbrios ambientais foram agudizados diante das atividades predatórias das companhias transnacionais que estabeleceram raízes na Amazônia Equatoriana (CIBILIS; GIUGALE; SOMENSATTO, 2008). A questão indígena mais uma vez foi abordada. Sendo o território menos explorado do país, a porção oriental contava ainda com certa variedade de tribos e biodiversidade. A chegada massiva de elementos externos, contudo, alterou substancialmente a dinâmica natural da região ao criar distúrbios sociais e desequilíbrios ambientais (WEGNER; FERNANDES, 2018).

Ainda que, juntamente com a Bolívia, o Estado do Equador não só reconheça os diversos grupos indígenas como também preze por seus espaços vitais, a interferência das companhias transnacionais na região foi sentida sobremaneira. A participação social e cidadã foi eclipsada, em grande medida, pelo desenvolvimento a qualquer custo. As demandas indígenas foram preteridas em favor dos interesses do liberalismo econômico internacional. Na visão de Massa-Sanchez, Arcos e Maldonado (2018, p. 121)

As atividades de exploração e exportação se realizam em meio ao desrespeito aos direitos e interesses dos habitantes, o que tem gerado problemas sociais como: o despejo dos habitantes de suas propriedades, a inconformidade dos moradores com a contínua contaminação do meio ambiente, a apropriação pelos representantes das transnacionais das habitações e terras, entre outros²².

Por fim, as últimas décadas do século XX proporcionaram a consolidação de um processo que será efetivamente concluído somente no começo dos anos 2000: a construção de uma classe média equatoriana alicerçada em alguns resquícios do ciclo do petróleo amazônico. Apesar dos anos 1980 terem representado um aumento exponencial da dívida externa, inflação, perda do poder de compra e desemprego, ainda assim, com o passar da crise um extrato econômico intermediário se arregimentou na sociedade equatoriana. Com isso, houve redução da pobreza e dos índices de desigualdade (GACHET *et al.*, 2017). Nesse ínterim, o

²¹ Conforme o economista Bresser-Pereira (2012, p. 353) “The Dutch disease is a market failure that permanently overvalues the exchange rate, but it is consistent with the inter-temporal equilibrium of the current account. Even though in developing countries this failure constitutes a major obstacle to industrialization, neither development economics nor Latin American structuralist theory took it into account. Yet it was intuitively perceived, and was reflected in developmentalist economic policies”.

²² Traduzido do original: “sociales. Las actividades de exploración y explotación se realizan en medio del no respeto a los derechos e intereses de los habitantes, lo que ha ocasionado problemas sociales como: el desalojo de los habitantes de sus propiedades, la inconformidad de los comuneros por la continua contaminación del medio ambiente, la apropiación de los representantes de las transnacionales mineras de las viviendas y tierras, entre otros”.

mercado de trabalho foi expandido, ao passo que os salários foram aumentando proporcionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a estudar em que proporção as formações geomorfológicas do Equador ajudaram a moldar a sua matriz econômica ao longo do século XX. Para tanto, as três regiões foram abordadas individualmente por capítulo e estudadas a partir de suas composições naturais e seus ciclos produtivos. Além disso, dedicamo-nos a compreender o papel da geografia equatoriana na inserção do país no mercado internacional, e seu posicionamento como provedor de commodities para os grandes centros do sistema. Ao longo dos anos 1900, o Equador passou por três grandes ciclos de desenvolvimento, todos eles vinculados à demanda internacional. O apogeu do cacau no começo do século, auxiliou na construção de uma incipiente infraestrutura de interligação entre as áreas mais remotas do país, bem como iniciou a transformação da Costa na porção economicamente mais dinâmica. A cidade de Guayaquil, em especial, viu sua elite migrar de atividades rurais de abastecimento doméstico, até meados do século XIX, para o direcionamento da produção cacaueteira para o mercado internacional.

Essa euforia, no entanto, foi abruptamente interrompida pela 1ª Guerra Mundial. Concentrando todos seus esforços industriais na área bélica, a Europa – até então o maior consumidor de cacau equatoriano – freou o ímpeto desenvolvimentista do Equador ao reduzir seu consumo de produtos de segunda necessidade. As décadas de 1920 e 1930 não foram muito diferentes, não só para a América Latina, mas para o mundo em geral. A Crise de 1929, o combate à pobreza e o ressurgimento do radicalismo político foram as tônicas da agenda internacional.

Na tentativa de diversificar sua pauta de exportações, o Equador apostou nas culturas do arroz, café e cana de açúcar nestes anos insalubres. Os esforços em prol de uma nascente industrialização também não surtiram o efeito esperado. Somente a partir do final da década de 1940 é que as esperanças se renovaram. A banana se transformou no novo ouro equatoriano. Até 1950, tanto a Serra quanto a Costa já haviam sido os eixos econômicos principais do Equador em alguns períodos mais ou menos duradouros. Faltava somente a porção amazônica projetar seu potencial. E assim se fez, no amanhecer da década de 1960, com a exploração e exportação de petróleo.

O “ouro negro” amazônico proporcionou um crescimento econômico ao Equador que nenhum outro ciclo foi capaz de atingir. Diferentemente das commodities anteriores, o petróleo é elemento essencial para o desenvolvimento dos países centrais. Para além disso, é considerado assunto de segurança nacional, dado o seu papel de abastecimento energético. Portanto, a representatividade equatoriana no cenário internacional na segunda metade do século XX foi significativa. Contudo, depois de anos de bonança econômica alimentados pelos petrodólares, mais uma vez o Equador tem de enfrentar obstáculos ao seu pleno desenvolvimento. Na esteira da difícil década de 1980 na América Latina, a população equatoriana viu os preços dos produtos de primeira necessidade dispararem, assim como a dívida externa do país alcançar níveis exorbitantes. O desemprego se alastrou por entre as camadas sociais indistintamente, enfraquecendo o poder dos trabalhadores. Ademais, os dois últimos decênios do século XX presenciaram fenômenos naturais que impactaram negativamente nas atividades produtivas equatorianas.

Assim, não somente as formações geomorfológicas internas do Equador são responsáveis por suas dinâmicas econômicas, como também distúrbios naturais frequentes tendem a forjar os ciclos produtivos do país. Outro fator, cuja importância vem sendo discutida nos últimos anos, é a presença de empresas transnacionais – sobretudo chinesas - de exploração de recursos naturais na Amazônia Equatoriana. O país ainda não encontrou uma fórmula para harmonizar desenvolvimento econômico e sustentabilidade.

De uma perspectiva histórica, os momentos de prosperidade equatorianos deram pouca atenção aos impactos naturais das regiões. Em suma, diante do que foi exposto acima, podemos concluir que os arranjos geomorfológicos equatorianos modelaram não somente a estrutura econômica do país, como também o fizeram em relação às dinâmicas sociais. Ainda hoje, os reflexos dos ciclos do cacau, da banana e do petróleo se fazem sentir no Equador.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **Breve História Econômica do Equador**. Brasília: IPRI, 2005.

BEBBINGTON, Anthony. Capital social e intensificación de las estrategias de vida: organizaciones locales e islas de sostenibilidad en los Andes rurales. In: ATRIA, Raúl; SILES, Marcelo; ARRIAGADA, Irma; ROBINSON, Lindon; Whiteford, Scott (Eds.). **Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y Caribe: em busca de un nuevo paradigma**. Santiago do Chile: Publicación de la Naciones Unidas, 2003

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Structuralist Macroeconomics and the New Developmentalism. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, n. 3, vol. 32, p. 347-366, 2012.

BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Historia global de América Latina: del siglo XXI a la Independencia**. Madrid: Alianza Editorial, 2018.

CHAVES, María Eugenia. Guayaquil: un puerto colonial en los mares del sur, siglo XVIII. **Revista Ecuatoriana de Historia**, Quito, n. 24, p. 45-65, 2006.

CIBILIS, Vicente Fretes; GIUGALE, Marcelo; SOMENSATTO, Eduardo (Eds.). **Revisiting Ecuador's economic and social agenda in na evolving landscape**. Washington: The World Bank, 2008.

COMPLEXITY, Observatory of Economic. **What does Ecuador Export? (1974)**. 2019. Disponível em: <https://oec.world/pt/visualize/tree_map/sitc/export/ecu/all/show/1974/>. Acesso em 05 de outubro de 2019.

CONTERAS, Carlos. **El sector exportador de una economía colonial: La Costa del Ecuador entre 1760 y 1820**. Quito: Abya-Yala, 1990.

EQUADOR, Banco Central do. **Estadísticas Económicas Históricas 1948-1983**. 1988. Disponível em: <<https://www.bce.fin.ec>>. Acesso em 05 de outubro de 2019.

GACHET, Iván *et al.* The rise of the middle class in Ecuador during the oil boom. **Cuadernos de Economía**, Quito, n. 36, p. 327-352, 2017.

LYONS, Barry. **Remembering the hacienda**: religion, authority, and social change in highland Ecuador. 1ª ed. Austin: Texas Press University, 2006.

MAIGUASHCA, Juan (Ed.). **Historia y región en el Ecuador**: 1830-1930. Vol. 30, Quito: Corporación Editora Nacional, 1992.

MAROCCO, René; WINTER, Thierry. Bosquejo de la Evolución Geodinámica del Ecuador. In: WINCKELL, Alain; MAROCCO, René; WINTER, Thierry; et al (eds). **Los Paisajes Naturales del Ecuador**, vol. 1, Quito: Centro Ecuatoriano de Investigación Geográfica, 1997.

MASSA-SÁNCHEZ, Priscilla; ARCOS, Rosa del Cisne; MALDONADO, Daniel. Minería a Gran Escala y Conflictos Sociales: un análisis para el sur de Ecuador. **Revista Problemas del Desarrollo**, Coyoacán, n. 194, p. 119-141, 2018.

MORA, Enrique Ayala. **Resumen de Historia del Ecuador**. 3ª ed. Quito: Corporación Editora Nacional, 2008.

MORENO, Christiana Borchart de. **La Audiencia de Quito**: aspectos económicos y sociales (Siglos XVI-XVIII). Quito: Abya-Yala, 1998.

MORENO, Julio; ESPINOSA, José; BERNAL, Gustavo (Eds.). **The Soils of Ecuador**. Quito: Springer, 2018.

PARSONS, James. Bananas in Ecuador: A New Chapter in the History of Tropical Agricultura. **Economic Geography**, Berkeley, v. 33, n. 3, p. 201-216, 1957.

PATRINOS, Harry Anthony; SKOUFIAS, Emmanuel; LUNDE, Trine. Indigenous Peoples in Latin America: Economic Opportunities and Social Networks. **Policy, Research working paper**; n. WPS 4227. Washington: World Bank. Disponível em <<http://documents.worldbank.org/curated/en/608351468091486766/Indigenous-peoples-in-Latin-America-economic-opportunities-and-social-networks>>.

QUIJANO, Aníbal. América Latina en la economía mundial. **Ecuador Debate**, Quito, n. 31, p. 87-100, 1994.

RADCLIFFE, Sarah. Re-Mapping the Nation: Cartography, Geographical Knowledge and Ecuadorean Multiculturalism. **Journal of Latin American Studies**, Cambridge, n. 42, p. 293-323, 2010.

VALAREZO, Ramón. **Una breve historia del espacio ecuatoriano**. Quito: Instituto de Estudios Ecuatorianos, 2004.

VELASCO, Fernando. **El Modelo Agroexportador Ecuatoriano**. Guayaquil: Universidade de Guayaquil, 1973.

WEGNER, Rubia; FERNANDES, Marcelo Pereira. The Amazon and the Internationalisation of Chinese Companies. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 40, p. 361-385, 2018.